



# O ODISSEU

EDIÇÃO 003  
ABRIL DE 2022

DANIEL

MUNDURUKU

IMORTAL!

"A VOZ DA ANCESTRALIDADE", Luana Barth, do Ancestralidade Indígena escreve sobre a relevância de Daniel Munduruku para a Literatura Brasileira.

"AINDA VALE A PENA LER JOSÉ DE ALENCAR?", Ericles Henrique Souza escreve sobre as Sub-Representações do Indígena na Literatura Brasileira.

"AJUDARIA MAIS SE NÃO-INDÍGENAS APOIASSEM", diz Mayra Sigwalt sobre a luta pelos direitos indígenas no ano da votação do marco temporal em entrevista exclusiva para a Revista O Odisseu.



"ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS REJEITA O BRASIL AO REJEITAR DANIEL MUNDURUKU", Ewerton Ulysses escreve sobre a dificuldade da ABL em aceitar o Brasil.

CONTRACAPA



# BRASIL: TERRITÓRIO INDÍGENA



# SUMÁRIO

"Fala, Memória", de Lili Baillargé.....	4
"As sub-representações do indígena na Literatura Brasileira", de Ericles Henrique Souza Brito.....	5
"Quem vai querer comprar Bananas?", de Pedro Henrique.....	7
"Uma história pautada em sofrimento e exploração assim como toda a história do Brasil", de Clarisse Peixoto.....	9
"Daniel Munduruku e a voz da Ancestralidade", de Luana Barth Gomes.....	11
"Quem são os acadêmicos da Academia Brasileira de Letras", de Ewerton Ulysses Cardoso.....	12
Entrevista com Mayra Sigwalt.....	13
Resenha de "O que encontramos nas Chamas".....	15
"Montaigne nas Tricheiras com Krenak", de Aline Félix.....	16
"Fôlego", de Pedro Delavia.....	18
"Exercício de Escrita", de Ricardo Luigui Zivko.....	19
"Chegou a hora do ano de falar de Shakespeare", de Karol Garret.....	21

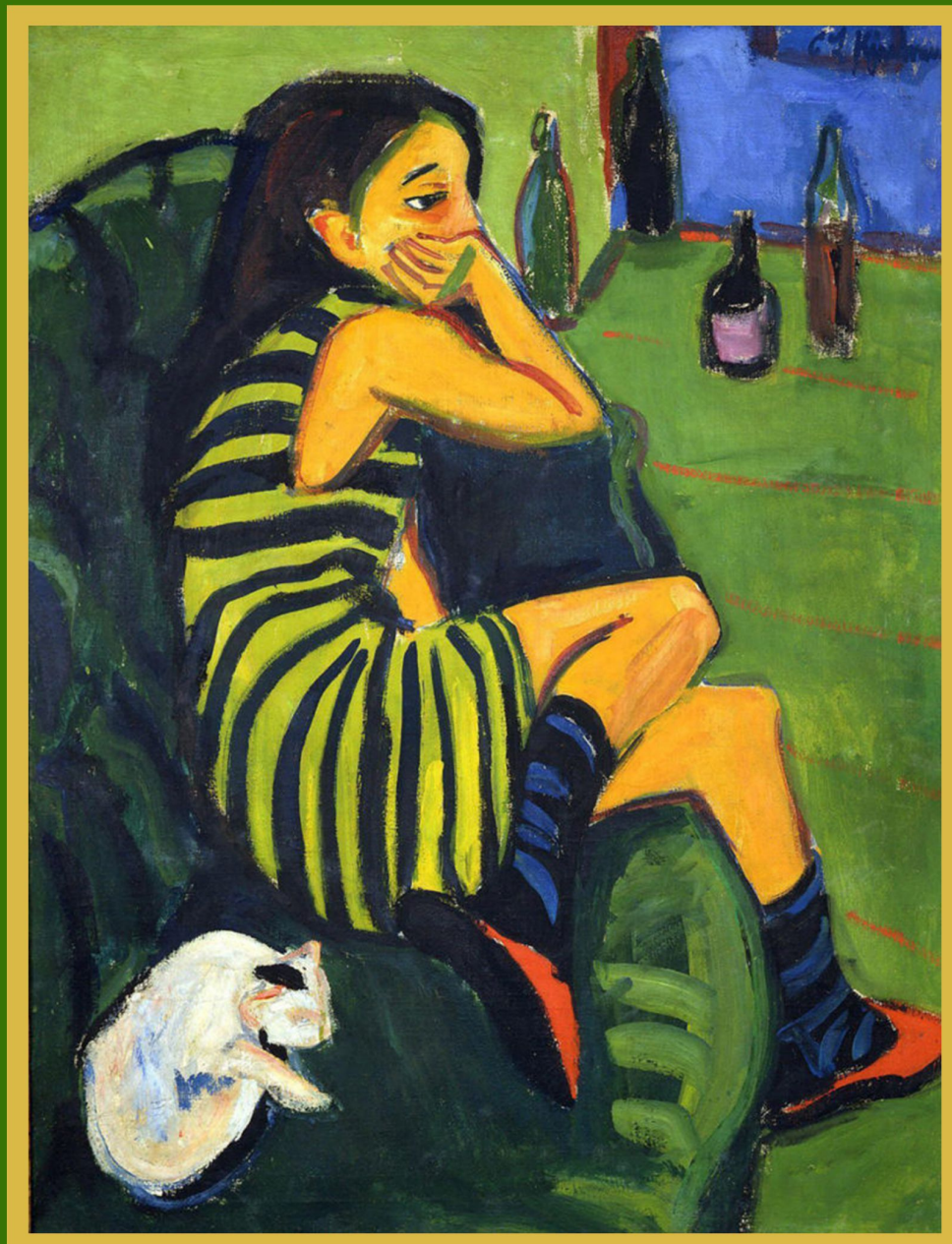
# Você sabe o que é o marco temporal sobre as Terras Indígenas?

Essa tese jurídica aponta que somente os povos indígenas que já estivessem ocupando territórios quando a Constituição de 1988 foi promulgada podem recorrer ao direito de usufruir essa terra. Assim, toda a política de demarcação das terras indígenas seria revisada, dando oportunidade para grandes proprietários de terra, latifundiários, reivindicassem o direito de usufruir terras anteriormente demarcadas e já pacificadas. Atualmente experimentamos um verdadeiro desmonte nas políticas públicas com relação ao direito à terra no Brasil. E grande parte desse retrocesso (se não todo) se deve à articulação dos grandes nomes do agronegócio do Brasil. Ou seja, relaciona-se à pauta do marco temporal outras questões que precisam ser pensadas, tais qual o uso extremo de agrotóxicos nos alimentos brasileiros, que podem conduzir a um colapso de saúde pública nos próximos anos, bem como o desmatamento ilegal, a grilagem e os crimes ambientais cometidos em nome do crescimento econômico do agronegócio.

**QUEM SE BENEFICIA COM ESSAS POLÍTICAS DE DESMONTE AMBIENTAL?**

Grupos sociais importantes para o Brasil, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra também sofrem com esse retrocesso. Já são várias as lideranças do MST que morreram em nome de uma guerra que acontece todos os dias dentro do "Brasil Profundo", para se utilizar da expressão do escritor Itamar Vieira Júnior. Ademais, ambientalistas, defensores dos direitos humanos e, principalmente, povos indígenas são ameaçados (quando não mortos) com uma frequência absurda pelos grandes latifundiários. Para expressar melhor essa questão, vamos trazer a informação de que todo o crescimento do debate em torno da "necessidade" de estabelecer o marco temporal sobre as terras indígenas retomou ao centro das atenções depois que o Governo de Santa Catarina começou a brigar pelos direitos de produção na terra indígena Ibirama-Laklãnõ, atualmente devidamente ocupada pelo povo Xokleng. Vale lembrar que a "Bancada do Boi" (grupo de deputados, senadores, vereadores, prefeitos, governadores e até ministros que tiveram suas campanhas financiadas pelo agronegócio e estão comprometidos com a agenda desses empresários) é uma das mais ativas em todo o Brasil, e tem pressionado a favor dos latifundiários. Para saber mais sobre o Marco Temporal e ameaça aos povos originários, acesse [amazoniareal.com.br](http://amazoniareal.com.br).

REPRODUÇÃO DA OBRA DE ERNEST LUDWIG KIRCHNER (1909)



"Acordei bem, mas  
o país não colabora[...]".  
Letrux - "Abalos Sísmicos".



# fala, memória

Literatura Para Eternizar

Lili Baillargé

Colunista da Revista O Odisseu



Fotografias de Martin Chambi (1891-1973)

Disponível no Instituto Moreira Salles

(<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/a-descoberta-de-um-mundo/>)

Em “Eu me Lembro” da Clarice Falcão, ela expõe de maneira muito divertida a incerteza da fidelidade das memórias guardadas somente na cabeça ao colocar duas pessoas para evocar momentos compartilhados entre elas com informações completamente diferentes uma da outra, uma ilustração de que talvez não seja o cérebro o melhor local para se guardar aquilo que não pode se perder de maneira alguma. É necessário um lugar mais seguro para que certas memórias possam ser revisitadas continuamente sem se distanciar do fato, sem se contaminar com a intensidade de informações que recebemos por toda a vida, hoje muito mais do que os nossos ancestrais. Revisitar é muito importante, essas memórias precisam se consolidar, deixar uma marca, formar um traço que se estenda além da existência individual ou da existência de uma ou algumas gerações de pessoas, um traço mais difícil de se apagar, de se perder, de ser poluído com falsidades produzidas internamente ou externamente de modo intencional ou não, de ser destruído com o passar do tempo, a escrita, a literatura.

Foi por meio da literatura que descobri que Ruanda foi regada pelo sangue de muitos tutsis e hutus porque brancos deram esses nomes as pessoas que viviam ali e posições sociais diferentes por serem mais ou menos parecidos com os invasores; que descobri como as Coreias se tornaram duas, que unidade anterior foi invadida como nós fomos, que tentaram destruir sua língua, seus mitos, ritos, canções, seus livros, enquanto mandavam seus homens e mulheres para morte em uma guerra que não era deles, como não foi nem mesmo a guerra da Coreia, que conheci um pouco sobre a dura vida das mulheres da Nigéria; assim como o horror das ditaduras da América.

Foi por meio da literatura que muitas memórias chegaram até mim e também como se perderam outras tantas. Quando uma pessoa se vai sem deixar nada sólido para trás perdemos pouco a pouco a perspectiva que ela tinha das coisas de sua época a medida que perdemos todas aqueles que a conheceram. Quando um grupo todo se vai da mesma maneira perdemos sua língua, suas curas, o que comiam, o que cultivavam, como cultivavam, suas crenças, ritos, seu modo de ver a vida, suas histórias. E nós perdemos, perdemos 99%, para ser mais exata, de quem sabia mais de Brasil do que podemos saber agora, porque muito desse país se perdeu, não somente a memória das centenas de grupos exterminados por aqui. O que nos resta são 274 línguas e 305 etnias diferentes para se guardar, proteger, eternizar.

Arte de Maicon Aquino  
(@aquinart)



## As sub-representações do indígena na literatura brasileira

ERICLES HENRIQUE SOUZA BRITO

Quando se pensa no índio retratado nos romances indianistas do Romantismo Brasileiro, vê-se que há pontos de convergência na abordagem desses personagens – os quais, em virtude da necessidade de serem vendidos como heróis da nação, eram altamente idealizados e estereotipados nas obras desse período. Muito provavelmente em virtude disso, a visão que se tem nos dias hoje a respeito dos povos indígenas é totalmente arquetípica e primitiva, já que, os romances indianistas da literatura Brasileira sempre retrataram esses povos como seres primários. Mas, a final de contas, ainda vale a pena ler obras que incentivam a sub-representação indígena? Escritores como José de Alencar, o qual possui três livros indianistas idealizados e inverossímeis deveriam ser cobrados nos vestibulares? E por que não se lê obras de autores indígenas nas aulas de literatura do ensino básico? Responderei a esses questionamentos neste texto. É fato que, como leitores críticos, devemos sempre interpretar, investigar e questionar, por isso, repensar questões de representação nos é tão essencial. Respondo agora ao primeiro questionamento que fiz: ainda vale a pena ler obras que incentivam a sub-representação indígena?

Embora saibamos que tais representações não são verossímeis, é interessante entender que o papel da literatura, muitas vezes – mesmo que de forma indireta – é de se ater a determinados estilos, pensamentos e recursos, que, juntos, integram a corrente literária vigente. Por isso, ao ler obras como *Iracema*, mesmo notando que a personagem principal é uma índia idealizada, vê-se que se tem nela tentativa de criação de uma identidade nacional à literatura brasileira, uma vez que, o escritor romântico recorreu ao índio para dar originalidade e patriotismo à nossa terra. Claro que, por se tratarem de idealizações, essa identidade cultural brasileira não passou de inverossímilhanças. Foi apenas no Modernismo que, de fato, o Brasil se viu livre de toda métrica e estilo da Europa. Inclusive, Mário de Andrade, que foi um escritor modernista, criou o índio Macunaíma como forma de protesto e oposição ao índio romântico, mas, apesar de ele não ser idealizado, ele era quase que uma versão pejorativa do índio, já que, Macunaíma tinha inúmeros defeitos, os quais eram constantemente enfatizados na obra. Então, concluo que, apesar das circunstâncias, sim: ainda vale a pena ler essas obras, pois podemos traçar paralelos entre suas irrealidades, e o mundo real – é claro que, para isso, é mister que o leitor sempre faça leituras críticas, caso contrário, ele só irá absorver e repassar as improváveis realidades retratadas nesses livros.

Quanto ao meu segundo questionamento, o qual se refere ao fato de que escritores como José de Alencar são cobrados em vestibulares, é necessário entender que, apesar de seus personagens serem sub-representados,



José de Alencar foi um dos escritores mais aclamados do Romantismo Brasileiro, e, portanto, entrou pra história de nossa Literatura. Quando se estuda a prosa romântica brasileira, estuda-se, inevitavelmente, as idealizações do Alencar. Sua trilogia indianista O Guarani, Iracema e Ubirajara são suas obras mais influentes e têm o índio como personagem central. Por fim, no que tange à minha terceira indagação: "Por que não se lê obras de autores indígenas na educação básica", tenho uma resposta simples: por que elas não fazem parte do cânone brasileiro. Infelizmente, o currículo de literatura do ensino básico abrange, apenas, os clássicos, portanto, não nos é possível encontrar nas aulas de literatura do ensino médio - pelo menos não oficialmente - obras escritas por escritores indígenas - os quais fazem parte de grupos marginalizados, isto é, estão à margem da sociedade. Em vez disso, tem-se obras de pessoas da alta sociedade, falando sobre esses grupos, de maneira idealizada, ou ainda pejorativa. Concluo, então, que o índio sempre foi sub-representado na literatura brasileira, muito em virtude das correntes literárias em que essas obras estavam inseridas. Cabe a nós, lermos com criticidade, identificando as inverossimilhanças, e sabendo distingui-las da realidade.

Pare, repare  
Cite, recite  
Salve, ressalve  
Volte, revolte  
Trate, retrate  
Vele, revele  
Toque, retoque  
Prove, reprove  
Clame, reclame  
Negue, renegue  
Salte, ressalte  
Bata, rebata  
Fira, refira  
Quebre, requebre  
Mexa, remexa  
Bole, rebole  
Volva, revolva  
Corra, recorra  
Mate, remate  
Morra, renasça  
Morra, renasça  
Morra, renasça  
Morra, renasça  
Morra, renasça  
Morra, renasça  
Morra, renasça

"RELANCE" - Música de Caetano Veloso interpretada por Gal Costa no disco "Índia" de 1973.





# “Quem vai querer comprar bananas?”

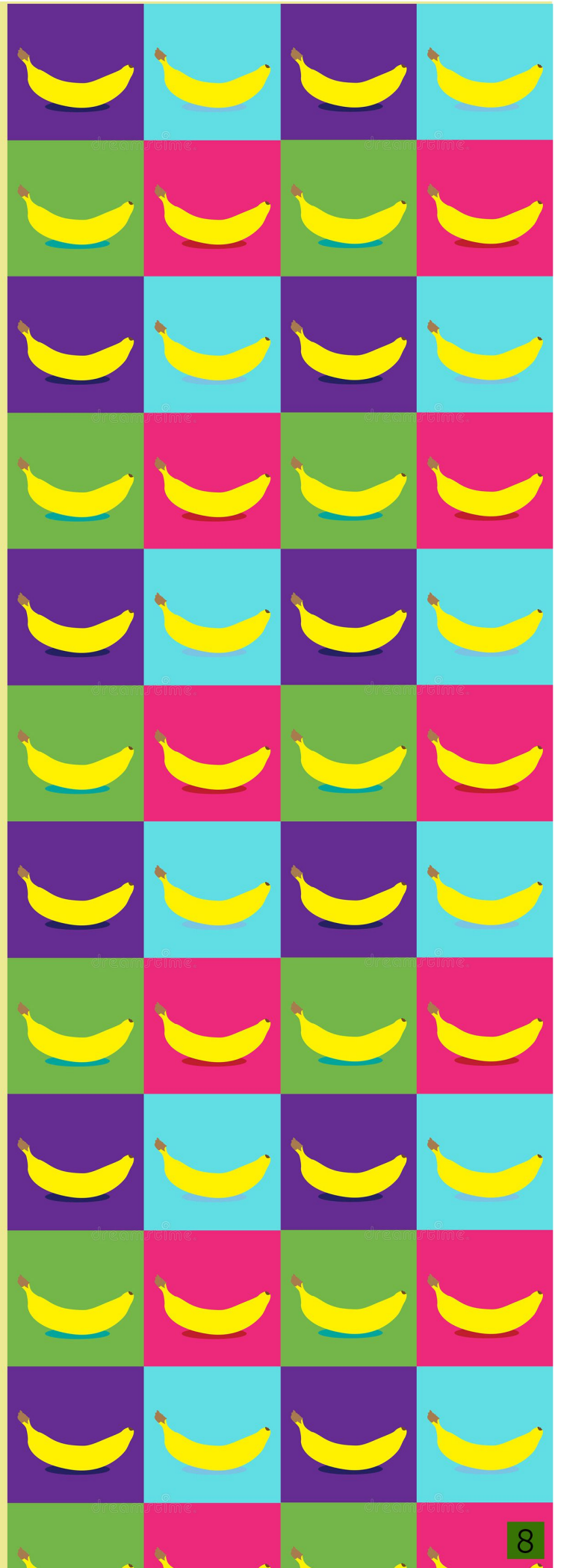
Pedro Henrique - Colunista da Revista O Odisseu

No início dos anos 70, o movimento Tropicália começa a desvanecer juntamente com o aprisionamento e exílio de seus heróis máximos Gilberto Gil e Caetano Veloso. Entre 1968 e 1978, ocorreram os chamados Anos de Chumbo, caracterizados por um estado de exceção total e permanente, controle sobre a mídia e a educação e sistemática censura, prisão, tortura, assassinato e desaparecimento forçado de opositores do regime. Em 1973, a prisão, tortura e assassinato do estudante de Geologia da Universidade de São Paulo (USP) Alexandre Vannucchi Leme, o Minhoca, militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), diante de sua tentativa de reorganizar o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da USP, além da prisão de 44 estudantes da USP, reacendeu o movimento estudantil. Como denúncia, Gilberto Gil realizou um show na Escola Politécnica da USP, que durou mais de 3 horas, num gesto de desobediência civil. No início dos anos 70, ocorreu o chamado “milagre econômico” brasileiro, o que incitou um sentimento ufanista, corroborado na Copa do Mundo em 1970 no México, com o mote “Brasil, ame-o ou deixe-o”, o que foi cessado com a crise do petróleo de 1973. Com o fim do “milagre brasileiro”, a crise do petróleo de 1973, o aumento da inflação, o aumento da censura, o afronte tornou-se cada vez mais perigoso. É neste contexto que Gal, musa do desbunde, lança em 1973 um disco que presta homenagem à toda sua herança musical buscando novos caminhos no pós-tropicalismo.

Já na capa, há o foco na parte inferior do biquíni de Gal vestida com adornos indígenas, enquanto na contracapa Gal está com os seios expostos e trajada de índia, fazendo com que o disco fosse vendido com sua capa embalada em plástico azul, uma exigência da censura. “Índia”, a música de abertura do disco, chega quebrando todas as regras. É originalmente um clássico sertanejo entoado por vozes duplas masculinas, agora na voz cristalina de Gal com ambientação sonora indo do intimista ao crescendo até seu grande final. Mantendo a perspectiva masculina do eu-lírico e juntamente com o beijo em Maria Bethânia em uma performance de palco, Gal traçou caminhos para o lesbianismo ser livre na música, como mencionado por Rudi Bleys em “Images of Ambiente: Homotextuality and Latin American Art, 1810–today”. O disco segue com “Milho Verde”, música tradicional lusitana agora com percussão brasileira, em uma homenagem antropofágica de Gal às suas raízes portuguesas. “Presente Cotidiano”, reverberando o sentimento de protesto, de contestação (“Quem vai querer comprar banana?”), também foi censurada, proibida de ser executada nas rádios. A partir de agora, temos uma canção de Lupicínio Rodrigues, “Volta”, entoada por Gal com o sentimento de um amor feliz, refletindo um afastamento do desbunde, que volta a aparecer no jogo de palavras opostas de “Relance”. “Pontos de Luz” possui uma sensação delirante, encerrando o desbunde e abrindo portas para “Da Maior Importância”,

surgida num flerte dela com o autor da canção, Caetano Veloso. "Passarinho" ressoa flutuando no cristal do vocal de Gal, até pousar nas águas da bossa nova com "Desafinado", do supremo Tom Jobim.

Do movimento Tropicália, das experimentações, do afronte, do desbunde, até finalizar com a sofisticada bossa nova, Gal alça novos voos. Posicionamento político, crescimento artístico, novos desdobramentos: Gal em um dos seus melhores momentos defronte de um período obscuro nacional. Uma lição do disco para os dias de hoje: a censura jamais deve se sobressair. A luta continua. Diante dela, o artista jamais deve arrefecer. Em tempos atuais, como nos protestos no Lollapalooza, a voz da justiça deve ecoar sem medo. E que a arte continue sendo um mecanismo de luta, de mudança e de vitória. Pela qual sempre lutaremos e usaremos para lutar. Se possível, com toda a genialidade e atemporalidade de Gal, como demonstrados em Índia.



# “Uma história pautada em sofrimento e em exploração, assim como toda a história do Brasil”

CLARISSE PEIXOTO - COLUNISTA DA REVISTA O ODISSEU

Olá, queridos seguidores!

Como vai a vida de vocês? Agitada como a geopolítica mundial atual?

Não sei quando você está lendo meu singelo textinho, mas o momento em que escrevo está um tanto quanto complicado (seria isso, então, uma viagem no tempo? Hehe).

Desde o meu último texto, eclodiu uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia, o que, de alguma forma, culminou no cancelamento de Dostoiévski (oi?). Por conta disso, na minha cabeça, você estaria lendo sobre esse cara hoje.

Até que Gabriel Boric tomou posse como Presidente do Chile, deixando a gente sonhar com a virada da esquerda que está prestes a tomar lugar na nossa amada América

Latina. Nesse mesmo momento, eu lia o novo livro de Isabel Allende, Violeta. Pensei que fosse um sinal dos céus para falar sobre ele e sobre essa autora que tem todo o meu coração, bem como sobre a sua história, que, de alguma forma, acaba por se confundir com a história do Chile.

Enfim, tinha essas duas ideias prontinhas, mas sou uma procrastinadora e deixo tudo para em cima da hora. Por isso, nós não falaremos hoje nem de Dostô, nem de Allende.

É que, na semana em que escrevo, aconteceu algo impensável aqui dentro do Brasil. E a gente não pode fingir que esse absurdo não aconteceu. O negócio é o seguinte: o Presidente dessa República das bananas em que nos inserimos ganhou uma medalha. E não foi uma medalha qualquer não... Foi uma medalha de mérito indigenista, concedida pelo Ministro da Justiça, Anderson Torres. Você tem noção do nível da palhaçada que isso significa???

Desculpa, gente, mas eu sou meio prolixa. E é só agora que vamos, de fato, entrar na temática do mês de Abril. O livro que escolhi para indicar esse mês foi um dos melhores que li em 2021 e o restante do que será escrito aqui não será o “embromation” que você viu até agora (prometo!), mas os motivos que me fizeram amar esse livro.

Li “O som do rugido da onça”, da Micheline Verunschik, no Clube do Livro de que participo. E ele acabou por render uma série de estudos, pesquisas e debates.

Em primeiro lugar, vamos falar da autora. Ela é brasileira, natural do Recife/PE, e contemporânea (isso já é suficiente para roubar nossos corações, né? Mas não para por aí...), além de já ter conquistado vários prêmios de literatura.

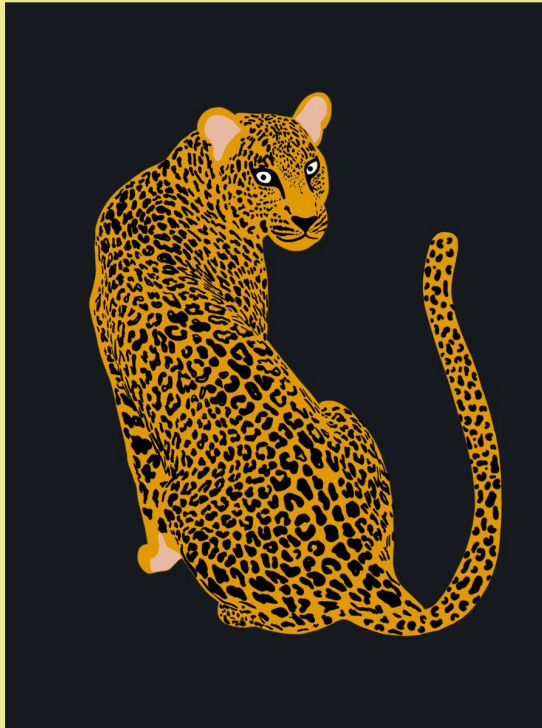
No livro, baseado em fatos reais, a personagem principal, Iñe-e, é uma indiazinha que, num dia como outro qualquer, desaparece, deixando toda a tribo angustiada com sua ausência. Quando foi encontrada, Iñe-e havia feito uma nova amiga, a grande onça Tipai uu, que a protegia de todo e qualquer mal. Era, então, o que se conhecia como uma

nova amiga, a grande onça Tipai uu, que a protegia de todo e qualquer mal. Era, então, o que se conhecia como uma “criança onçada” e, justamente por isso, era temida até mesmo por seu pai, o grande chefe da tribo.

Diante desse medo do que poderia acontecer com a menina e, principalmente, por temer que a mesma se voltasse contra a tribo, o pai concedeu-a a dois cientistas alemães, Spix e Martius, que a levaram para a Europa sob o tal “pretexto civilizatório”. Como já sabemos, uma balela! Queriam expor a menina como um animal, como um objeto, como qualquer coisa inumana.

É uma história pautada em sofrimento e em exploração, assim como toda a história do Brasil.

Mas não se resume a isso.



Durante a narrativa, encontramos inúmeras vozes. A criança tem voz. A onça tem voz. Até o rio tem voz. E, se a gente parar para pensar, crianças, animais e a natureza sempre tiveram suas vozes. A gente que desaprendeu a ouvir esses chamados para atender a outros que se tornaram mais urgentes, como o chamado das redes sociais, do trabalho que nunca acaba, e de tantas outras coisas menos relevantes que crianças, animais e natureza.

Além disso tudo, o livro se tornou um marco na minha vida por uma grande coincidência (se é que existem coincidências...). Na semana em que terminei a leitura, o STF retomou o julgamento do caso referente à demarcação das terras indígenas e ao marco temporal referente a isso. E é daí que vem toda a minha indignação

quanto à concessão de uma medalha indigenista àquele que não deve ser nomeado. Esse cara faz tudo pelo agronegócio e nada pelos povos originários, os verdadeiros donos de todo esse Brasil. Nada não. Se não fizesse nada e os deixasse em paz, ok. Mas ele faz pior. Ele tem um claro projeto anti-indigenista. De tomada de terras. De aculturação. De extermínio.

Antes de prosseguir, quero deixar uma coisa bem clara: mesmo que ele fizesse algo pelo índios (o que não faz), não estaria fazendo nenhum favor não. O artigo 231 da Constituição da República do Brasil é totalmente dedicado aos índios. Esse documento jurídico, que, às vezes, mais parece só mais uma folhinha de papel que qualquer vento pode carregar, assegura que os índios preservem suas organizações sociais, seus costumes, suas línguas, suas culturas, suas crenças, sua fé, suas tradições.

Mas para que tudo isso seja devidamente preservado, a terra tem um papel fundamental.

E é por isso que a Constituição também garante aos indígenas o direito originário à terra. Sem maiores

especificações ou delimitações. Como cada interpretação depende do olhar de quem vê, acabou-se por entender que essa concessão não poderia ser tão ilimitada assim. Ou seja, tiraram deles todo o Brasil e agora concedem “apenas” o pedacinho de terra em que já se encontram, que tradicionalmente ocupam. Troca justa (contém ironia).

Enquanto a demarcação oficial das terras não se realiza, ainda há o direito ao acesso às terras, independente de demarcação.

Isso tudo pode até parecer bem simples, mas é extremamente complicado.

Quantas vezes você já mudou de endereço? Você sentiu que perdia sua cultura ou parte de quem você é por conta disso?

Pois então... A terra está intrinsecamente ligada à tradição, aos costumes, à vida indígena. E isso vai muito além do que o nosso parco e limitado conhecimento, dominado pela cultura capitalista, é capaz de compreender.

Não se trata de uma questão de moradia, mas de identidade, de dignidade. A terra, para o índio, é ancestralidade, é coetanidade, é posteridade. É mais do que um membro da família. É um pedaço de quem eles são e de como se reconhecem no mundo.

E “O som do rugido da onça” retrata tudo isso de uma forma linda. Ao mesmo tempo em que a história tem a delicadeza e a fragilidade da criança, tem a força e a potência da onça. Em termos de terras (e eu juro que o livro é muito mais do que isso, de modo que nada do que eu tenho falado aqui pode ser considerado spoiler), o índio até pode ser retirado das suas, mas elas nunca podem ser retiradas de suas memórias, de seus corações... tal qual um avôzinho a quem amamos que vem a falecer, mas nada no mundo é capaz de mudar o amor que sentimos.

Antes, os índios eram 100% da população brasileira. Hoje, são menos de 1%. Sem a demarcação justa das terras, a porcentagem tende a reduzir ainda mais, pois a terra é o que ainda garante alguma unidade. Sem ela, a absorção pelo sistema capitalista torna-se ainda mais fácil e provável.

Aí é que entra a importância do marco temporal. Em julgamentos anteriores, o STF decidiu que só seria possível a demarcação das terras que já estivessem na posse dos índios quando da promulgação da Constituição de 1988.

Mas para e raciocina um pouquinho aqui comigo... Os índios tiveram suas terras invadidas, sofreram o genocídio que sofreram. Invoca à sua memória rapidinho um pouquinho da história brasileira... teve colônia, teve plantation, teve mineração, teve bandeirante, teve de um tudo! E agora tem o agronegócio... O que nunca houve foi justiça.

Os povos a que pertenciam as terras foram dela expulsos muito antes de se pensar em demarcação. E agora eles não teriam mais o direito de retomar o que lhes pertence e sempre lhes pertenceu?

O julgamento ainda não acabou, mas há muito em jogo. Caso se afirme a tese do marco temporal, além dos que perderam suas terras anteriormente, muitos outros serão removidos dos locais que ocupam. E é daí para pior.

E ainda tem gente recebendo medalha diante de tamanha atrocidade.

“Quem me dera ao menos uma vez  
Como a mais bela tribo  
Dos mais belos índios  
Não ser atacado por ser inocente”

“Índios”  
Legião Urbana

# Daniel Munduruku e a voz da ancestralidade

Luana Barth Gomes

A literatura indígena surgiu na década de 1980, quando grupos de povo nativos começaram a publicar livros difundindo seus conhecimentos. Isso se deu em meio aos movimentos para a inserção dos direitos dos povos indígenas na Constituição de 1988. Saberes, que até então eram transmitidos de forma oral e restritos a um determinado povo, passam a ser registrados em livros e se expande para outros espaços, tornando-se conhecidos inclusive entre os não indígenas. Daniel Munduruku é considerado uma referência dentro da literatura indígena. O autor nasceu em Belém/PA e é de origem Munduruku. É graduado em Filosofia e tem licenciatura em História e Psicologia. Tem Mestrado e Doutorado em Educação pela USP - Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Autor de 56 obras, tem modificado o contexto literário e trazido a ancestralidade através de suas histórias.

Recebeu prêmios nacionais e internacionais, chegando inclusive a ser indicado em 2021 para ocupar uma cadeira na academia Brasileira de Letras. Entre as honrarias estão: Prêmio Jabuti CBL - Câmara Brasileira Do Livro (2004 e 2017); Prêmio da Academia Brasileira de Letras (2010) - ABL; Prêmio Érico Vanucci Mendes - CNPq; Prêmio para a Promoção da Tolerância e da Não Violência - UNESCO, Prêmio da Fundação Bunge pelo conjunto de sua obra e atuação cultural, em 2018. Em 2021 foi condecorado pela OAB/SP como personalidade literária, entre outros. Muitos de seus livros receberam selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

Através de seu trabalho, pudemos conhecer a cultura de diversos povos indígenas, compreendendo

a diversidade das etnias, das línguas e dos costumes. Uma das contribuições mais importantes está no resgate da nossa ancestralidade indígena enquanto brasileiros. A cultura deste país tem aspectos de diversas etnias indígenas na língua, na alimentação e nos costumes. Estes são, na maior parte das vezes, invisibilizados ou relegados a outros povos, em especial aos de origem europeia. Esse apagamento intencional, faz com que não se observe o quanto de indígena constitui essa nação que chamamos de Brasil, ou melhor, Pindorama.

Obras como "Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória" evidenciam o quão importante é conhecermos nossas origens e às honrarmos, exaltando a ancestralidade que vive em nós, está presente em nosso povo e nosso país. Neste livro, Daniel conta que só se percebeu indígena no contato com os não indígenas. O fato de pertencer a um povo originário era motivo de apelidos pejorativos e discriminação, o que o fez chegar



a ter raiva de ser indígena. Até que, em um encontro com seu avô Apolinário, compreendeu a importância de conhecer e exaltar sua origem, uma experiência que veio a ser fundamental para que o autor se tornasse escritor e a espalhasse sua história para o mundo.

No livro "O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira", Daniel Munduruku trouxe uma série de artigos, refletindo sobre assuntos como a importância de uma educação libertadora, que eduque para a vida, que reconheça e valorize as culturas indígenas presentes em nosso país e em diversos locais do mundo.

Outra obra importante do autor é "Das coisas que aprendi: ensaios poréticos sobre o bem-viver". Este livro traz ensaios sobre diversos temas, abordando

aspectos da vida e da experiência de Daniel Munduruku, regados a sabedoria e ancestralidade. Este livro, além de ser um deleite, é um convite ao "desentortamento do pensamento" e à "arqueologia da identidade".

Para encerrar, cito as palavras do sábio avô Apolinário que estão presentes e diversos livros do autor: "[...] para ser feliz na vida, só é preciso lembrar de duas máximas quando a vaidade quiser imperar sobre a simplicidade:

1. Nunca devemos nos preocupar com coisas pequenas;
2. Todas as coisas são pequenas".

Luana Barth Gomes

Doutoranda em Educação pela Universidade La Salle/Canoas com bolsa Capes/PROSUC

Professora dos Anos Iniciais do Colégio Israelita Brasileiro

Idealizadora e administradora da página do Instagram Ancestralidade Indígena

(@ancestralidade.indigena)



Machado de Assis e demais Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras em 1901. Foto disponível em: <https://www.academia.org.br/a-historia-da-abl/a-lideranca-de-machado-de-assis>.

# Quem são os acadêmicos da Academia Brasileira de Letras?

Ewerton Ulysses Cardoso

Às vezes me pego pensando se Machado de Assis seria aceito na Academia Brasileira de Letras, caso não a tivesse fundado e caso precisasse ser selecionado pelos acadêmicos contemporâneos. Isso porque a figura de Machado está na atual ABL apenas na estátua majestosa à frente do prédio no Rio de Janeiro (e me pergunto também se o Machado gostaria dela). Longe de mim querer transformar a pessoa de Machado em uma ótica imaginária de Messias das letras brasileiras. É que o Machado, ao que me parece, era bem diferente do que vemos hoje na Academia. Primeiro, ele era visionário! Tinha uma excelente perspectiva quanto ao futuro e estava à frente dos debates que ainda iriam aflorar no Brasil do século XX. Ao passo que a recente ABL está presa em imaginários de um passado reconstruído através de muita boa vontade dos acadêmicos.

Depois, Machado era neto de escravizados, homem negro e oriundo de uma favela. E quem diz que isso não é importante para entrar na ABL deveria dar uma olhadinha na cor da grande maioria dos membros atuais da Academia, bem como o histórico: família, colégios em que estudaram, formação e até mesmo filiações políticas. Nem sempre foi assim, mas hoje o é. Hoje o hall do prédio na Avenida Presidente Wilson, número 203, andam políticos reconhecidos, juristas renomados, médicos e afins. Nada contra tais profissões. Mas o que ressoa é que é um pré-requisito. E não é? Sequer a formação acadêmica e conhecimento são tão prestigiados quanto o a aura restante de uma aristocracia colonial. Afinal, Daniel Munduruku é mestre e doutor pela maior instituição de ensino do país, a USP. Não foi o suficiente. Não foram o suficiente suas dezenas de obras publicadas, a solicitação de sua presença em inúmeros eventos literários em todo o país, a condecoração internacional da UNESCO, a sua popularidade entre os jovens leitores, o seu diálogo com a intelectualidade brasileira. NADA! Foi eleito em seu lugar o neurocirurgião Paulo Niemeyer, que certamente contribuiu muito para a ciência do Brasil, mas já não sei quanto às letras...

Entretanto, há quem diga que a Academia Brasileira não é "de letras", mas a mesma goza do título popular na boca do povo e adora dar pitacos sobre o andamento da língua. O mesmo não faz quanto ao andamento das neurociências. Então é "de letras", de fato. Caso contrário não teria sido casa de grandes escritores brasileiros, e ainda é, em certo sentido. Ou seja, não dá para comparar a contribuição de Daniel ao mundo DAS LETRAS BRASILEIRAS, ao do neurocirurgião Paulo Niemeyer. E é até interessante ter um médico que também já se debruçou sobre a escrita dentro da casa. Porém, eu não votaria nele em detrimento de Munduruku simplesmente porque não faz sentido. E várias coisas não fazem sentido na ABL, e nem preciso retornar ao evento da rejeição da Conceição Evaristo ou da eleição de José Sarney para isso. É que não faz sentido, de fato. A Academia se apresenta como representante cultural do Brasil e busca, com unhas e dentes, estar novamente em um status de popular na cultura brasileira (o que a recente eleição da atriz Fernanda Montenegro e do compositor Gilberto Gil demonstram; eu adoro os dois). Ela fala de memória nacional, de sua importância ao longo da história, mas continuamente rejeita brasileiros. Daniel Munduruku foi o mais brasileiro dos concorrentes a uma cadeira na Academia, mas foi rejeitado. O que me faz parecer que existe, naquela academia, um "Brazil", e, já sabemos, "O Brazil não inclui o Brasil". A esmagadora maioria dos brasileiros não conhecem os membros da Academia Brasileira de Letras, mas esse nem é o maior problema. O grande problema é que nós não nos parecemos com os acadêmicos. Nós não temos sua cor, sua formação, não temos, sobretudo, sua condição financeira. Agora, exigimos demais em querer gente como nós na instituição que leva o nome do nosso país? Pois, então, reafirmo a necessidade de se falar de "Academia Brasileira" (título genérico, não é?) para se tratar daquele clube privado no Rio de Janeiro enquanto não houver gente parecida com Machado de Assis novamente ocupando aquelas cadeiras.



# “É preciso lutar ao lado de sua ancestralidade”

Mayra Sigwalt em entrevista à Revista O Odisseu

1 - Olá, Mayra! Um prazer imenso falar contigo para a nossa revista. Nós acompanhamos o seu trabalho e admiramos bastante. Para começar a entrevista, queríamos falar um pouco sobre a sua ancestralidade indígena. Você já põe na Bio do teu insta que você é descendente Kaingang, que é um povo que se distribui entre as regiões Sudeste e Sul do Brasil. Qual o lugar que sua ancestralidade indígena ocupou em sua vida enquanto você crescia, e como isso influenciou quem você é?

Assim como muitas famílias que sofreram com o apagamento, minha ancestralidade se manifestou durante toda a minha vida através das sabedorias passadas de geração em geração. Tudo o que aprendi sobre espiritualidade, a relação com a terra, os rituais de gratidão, vieram pela minha mãe. Ela sempre me falou sobre nossa ancestral, mas era um segredo e vergonha de família. Até que ela decidiu investigar dentro da família, ouvindo relatos e indo procurar a documentação de uma mulher que tentaram tanto esquecer. Descobrimos o povo dela e desde então tenho tentado fazer esse caminho de volta pra casa.

2 - E hoje, qual o lugar que ela ocupa? O que mudou?

Hoje entendo que não basta dizer que se tem uma avó, bisa, tataravó indígena. É preciso lutar ao lado da sua ancestralidade. Minha ancestral é uma sobrevivente. É por causa dela que estou aqui, então tento honrá-la me unindo a luta de seu povo e de

a luta de seu povo e de todos povos indígenas. Foi quando entendi que essa identidade não é individual, é coletiva.

3 - E em sua literatura? Como aquilo que você escreve está em diálogo com a sua ancestralidade?

Eu escrevo sobre a minha realidade. Não me vejo escrevendo sobre o que é ser indígena na aldeia, deixo isso para tantos indígenas que tem essa vivência. Escrevo sobre as dores que entendo; o apagamento, o racismo velado e o escancarado, o não-lugar tão violento que nos arranca dos nossos laços ancestrais, a exotificação e a exaustão que é a luta indígena para ser lembrado por espaços que se dizem antirracistas.

4 - Há uma frase no livro que eu gostei muito, “[...] Meu pai tinha voltado pra terra e fazia parte de tudo. Eu queria seus abraços, mas só precisava das folhas de araucária no vento para ouvir a sua voz.” O que te inspirou para escrever essa parte? Foi algo que realmente veio de sua família ou de você?

A morte é uma temática muito fascinante e difícil pra mim. Nós sabemos que aqueles que ancestralizam passam a fazer parte de tudo, se juntam aos nossos parentes animais,

plantas e rios. Eu não sei o que é perder um pai, como a minha personagem, mas eu espero que se um dia eu precisar lidar com esse tipo de perda, ela se cure o suficiente pra que eu consiga enxergar essa pessoa amada como uma brisa boa. A araucária vem do que ela simboliza para Kaingang, é nossa grande ancestral, então fez sentido relacioná-la ao pai da Camila, que é quem trouxe esses ensinamentos pra ela.

5 - Além de "O que encontramos nas chamas", você também escreveu uma história para o livro "Aqui quem fala é da Terra". Há algum outro gênero que você queira se aventurar? Lendo o seu livro, amei a abordagem mais misteriosa em alguns momentos... adoraria te ver escrevendo algum suspense!

Olha, eu honestamente não sei! Haha Eu sou mais levada pela história do que pelo gênero. Recentemente comecei escrevendo uma história contemporânea, quando vi, entraram elementos mágicos e ela passou a fazer mais sentido. Vai mais do que a história pede.

6 - O livro traz muitos elementos do Realismo Mágico, e no seu vídeo sobre a publicação, você diz que ele mistura muito a realidade com a fantasia. Outro aspecto que me chamou atenção foram as reticências usadas no final dos capítulos dando ideia de continuidade mas ligando o passado e o presente. Isso foi algo planejado desde o início da escrita, ou ao longo do livro foi se transformando? Se foi planejado, qual era a ideia por trás desse recurso?

Não foi planejado. Quando eu finalizei o primeiro rascunho enviei pra Laura, que editou a novela. A história teria só uma transição, uma no início e uma no final para voltar ao presente, ela sugeriu fazer esse fluxo de ida e volta durante toda a história. Era algo que ia dar muito mais trabalho, mas valeu a pena. Quando fui para o segundo rascunho trabalhei principalmente nessas transições e no caminhar da Camila pela casa.

7 - Falando em realismo mágico, essa é uma corrente literária bem nossa, latino-americana, mas pouco utilizada por escritores brasileiros. Como você vê o escritor brasileiro nesse contexto de literatura latino-americana?

Eu acho isso curioso, e talvez uma falha minha, mas conheci o realismo mágico através de escritores anglófonos. Recentemente que comecei a ler o realismo mágico latino-americano. É um gênero que eu amo, mas muitas pessoas tem dificuldade em se conectar porque é uma magia que não se explica. É a magia invisível do dia a dia, e tem leitores que simplesmente não conseguem se desapegar de ter tudo explicado tim-tim por tim-tim. Vejo muita influência estadunidense nessas estruturas de contar história, o que me deixa um pouco triste. Isso não significa que não tenhamos excelentes autores brasileiros contando todos os tipos de história.

8 - O que você pensa do termo "literatura indígena", por vezes usada para retratar escritores como Daniel Munduruku, Ailton Krenak e Eliana Potiguara? Ultrapassado? Necessário? Segregador ou Identitário?

Para mim é algo que faz sentido. Literatura indígena deixa claro que são livros escritos por indígenas, algo que muita gente nunca leu na vida. Quando colocamos esse nome, temos força pra questionar a falta de espaço, a invisibilidade, o desinteresse de leitores...

9 - Em seus conteúdos você sempre levanta questões referentes à causa indígena. Como tem lidado pessoalmente com as notícias de desmonte de direitos dessa população?

Como disse Ailton Krenak "nós nunca deixamos de estar em guerra". As dificuldades e o desrespeito não começaram agora, a diferença é que antes órgãos e leis que deveriam proteger os direitos indígenas são ocupados por pessoas que tem interesses completamente opostos. É exaustivo, é desmotivador, mas a luta tem que continuar. Ajudaria muito se não-indígenas apoiassem mais.

10 - Quais suas expectativas quanto ao debate indígena num futuro próximo?

**Bom, o mês de abril está aí, então teremos muitos debates sobre a causa indígena. Mas e no restante do ano? E em junho quando haverá a votação do marco temporal, decisão que irá impactar a demarcação de terra em todo o país, as pessoas ainda estarão lembrando de nós? Lembrarão no setembro amarelo de que quem tem a maior taxa de suicídio no país são pessoas indígenas? Lembrarão no mês lgbtqia+ que pessoas indígenas lgbtqia+ também existem? Lembrarão de incluir pessoas indígenas nas vagas de trabalho? Lembrarão que outros biomas no Brasil são protegidos por indígenas também, e não só a Amazônia? A minha expectativa é mínima: que sejamos lembrados no agora, e não como algo do passado.**

11 - De volta à sua literatura, No final do livro você diz que foi a sua primeira vez escrevendo agradecimentos e que espera poder escrever mais vezes. Como publicar seu primeiro livro te transformou? Isso muda algo na sua experiência como leitora, também?

Nossa, me deixou muito feliz finalmente colocar uma história no mundo! Publicar o primeiro livro não é o mesmo que escrever o primeiro livro. Foram muitas histórias engavetadas e não terminadas até chegar em algo que fosse realmente algo que eu me orgulhasse e estivesse pronta pra contar. Trabalhar essa novela foi extremamente dolorido, foi meu processo de catarse em que eu gostaria de ajudar para que outras pessoas tivessem a delas. Receber a resposta dos leitores foi algo muito emocional, me tocou demais. Agradeço a cada um que veio falar comigo sobre suas experiências e abrir o coração. Acho que como leitora não mudou depois da publicação e sim quando comecei a escrever e estudar escrita. É bom e ruim. Você aprende muito sobre escrita lendo, mas ao mesmo tempo você se torna mais crítico, você nota mais falhas. Eu com certeza gostava mais dos livros que eu lia, quando entendia menos de escrita. Talvez fosse mais feliz com minhas leituras.

12 - Fiquei muito curiosa quanto ao Berto. Houve um motivo para a escolha do animal?

Eu queria algo que tivesse uma aparência que quando pequeno não fosse muito assustador, mas que quando colocasse numa grande escala se tornaria um monstro. Esse personagem é a epitome disso. Um lagartinho pequeno pode ser bontinho, um lagarto imenso pode rasgar seu corpo. Eu queria também que fosse um bicho de estimação improvável, pra causar no leitor uma estranheza que fosse acompanhando ele até sua transformação final.



13 - Por fim, uma curiosidade de leitores! O que está lendo nesse momento? Está gostando? Conte mais!

No momento estou lendo alguns livros! Gallant da V.E Schwab, uma das minhas autoras favoritas e também fazendo minha terceira releitura de A Sociedade do Anel. Estou indo devagar com os livros e curtindo cada momento! Inclusive, a releitura de Sociedade é um audiobook, narrado pelo Andy Serkins, ator que faz o gollum nos filmes, e está simplesmente incrível!



Se você acompanha o BookTube com certeza já assistiu algum vídeo do All About That Book, a Mayra Sigwalt é dona do canal, co-criadora do Turista Literário e uma das administradoras da página @leiamulheresindigenas. Ela é descendente de Kaingáng e “tenta através das suas histórias criar espaços para que pessoas como ela também se vejam na literatura”, como diz sua biografia no Goodreads. Recentemente tive o prazer de ler sua novela e resolvi falar um pouco sobre o que achei da leitura. Além disso, consegui formular algumas perguntas (com ajuda do Ewerton, nosso querido editor-chefe, muito obrigada!) e a Mayra aceitou respondê-las para uma entrevista! Confira a seguir uma pequena resenha minha, e a entrevista:

O que encontramos nas chamadas é uma história sobre o passado enterrado entre as caixas de uma casa abandonada. Camila se vê de volta à casa dos tios, onde passou as férias enquanto a mãe viajava a fim de resolver as formalidades do enterro de sua avó. Mayra Sigwalt propõe uma leitura envolvente apesar dos temas sensíveis que são mascarados por metáforas, quase como um respiro para o leitor, ao mesmo tempo que usa, magistralmente, elementos que ligam a oscilação entre os tempos da história. Eu amei a inserção do realismo mágico, além de ser outra forma para que Camila lide com suas feridas, trouxe uma sensação nostálgica e inocente para a história. Eu amei a leitura e a escrita de Mayra e recomendo para qualquer um que esteja apto para uma experiência reflexiva e sensível. Fica aqui o meu aviso quanto aos gatilhos e que você tenha uma ótima leitura.

Mariana Castro - Colunista da Revista O Odisseu



# Montaigne nas trincheiras com Krenak

Aline Félix - Colunista da Revista O Odisseu

Ele estava no púlpito do plenário da Câmara dos Deputados, vestia terno branco, falava de forma firme, porém respeitosa, e aos poucos, enquanto exigia o reconhecimento dos direitos dos povos originários desta terra, pintava com tinta de jenipapo o seu rosto e escrevia com essa atitude seu nome na história do país.

Confesso que sempre me emociono quando revejo essa cena protagonizada pelo Ailton Krenak, durante a Assembleia Constituinte de 1987.

E foi por conta dessa manifestação, da movimentação de demais lideranças indígenas e do apoio de alguns segmentos da sociedade, que o Capítulo VIII – Dos Índios foi escrito na Constituição Federal de 1988.

Ailton Krenak é da etnia Krenak, que fica às margens do Rio

Doce, em Minas Gerais, é jornalista e ambientalista e em uma entrevista disse: "...a Constituinte foi um momento luminoso na nossa história republicana...".

Foi assim que no papel essa luta foi vencida. Imagino a alegria que contagiou esses povos e quem com eles estava. Um momento de grande esperança, de confiança no caminho que estava sendo trilhado, com seus direitos assegurados. Trinta e três anos após essa vitória, a realidade é muito diferente, não que isso nos surpreenda, pois o filósofo Michel de Montaigne já previa que o futuro desses povos não seria nada promissor após o encontro com os europeu – e ele escreveu isso há mais de quatro séculos.

Em 1580 foi publicada a primeira edição de Ensaio, de Michel de Montaigne, coletânea de obras escritas pelo francês, dentre esses ensaios (Montaigne foi pioneiro nesse gênero literário) está Dos Canibais, considerado um dos mais importantes da coletânea.

Nesse texto, Montaigne já previa os danos do contato entre indígenas e colonizadores e falou sobre o encontro que teve na corte francesa, em Rouen, com indígenas brasileiros: "Três dentre eles, ignorando o quanto custará, um dia, a seu repouso e à sua felicidade o conhecimento das corrupções de cá, que desse comércio nascerá sua

ruína, a qual suponho já avançar; bem miseráveis por se deixarem encantar pelo desejo da novidade e terem abandonado a doçura de seu céu para virem ver o nosso, foram a Rouen, à época em que o rei Carlos IX lá estava. O rei falou-lhes longamente, mostrando nossa maneira, nossa pompa, a forma de uma bela cidade.”

Esse encontro diz respeito à colonização francesa da Baía de Guanabara, segundo algumas pesquisas, foi um período mais amistoso da colonização.

Porém, em 2019, Krenak “responde” para Montaigne num trecho do livro *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*: “Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafiando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade.”

Coincidentemente, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* é baseado em uma palestra proferida por Krenak na Europa, em Portugal e, *Dos Canibais*, como já mencionei, nasceu após um encontro de Montaigne com “índios brasileiros”. Ler essas duas obras e constatar o quanto elas se conversam foi surpreendente. Os temas como a conservação da cultura, da pureza, o conceito de humanidade, a visão que os povos originários têm do mundo hoje, em comparação ao que apresentaram no primeiro contato com os europeus, me comoveu, pois diferente do que pensava Montaigne, esse contato não corrompeu a ideologia e as crenças desses nativos, mas ele não estava de todo errado, esse contato gerou a ruína de milhões de indígenas, etnias, culturas e os tem arruinado ainda hoje.

Montaigne era um crítico de sua época e divergia na forma como o povo do Novo Mundo era visto, pois também considerava os “canibais” como bárbaros, mas não da mesma forma que os demais europeus. Em seu ensaio, inclusive, citou exemplos de canibalismo na Europa, questionou se outras formas de matar ou humilhar o inimigo, que eram praticadas na época, não seria ainda mais cruel e escreveu: “Essas nações, portanto, parecem-me bárbaras assim: por terem pouco se formado pelo espírito humano e serem ainda muito próximas de sua naturalidade original. (...). Causa-me por vezes um desgosto que dessa pureza não tenhamos tido conhecimento antes, no tempo em que havia homens que a poderiam ter julgado melhor do que nós. Lamento que Licurgo e Platão não os tenham conhecido antes, pois me parece que aquilo que, por experiência vemos naquela nação ultrapassa, não apenas todas as pinturas com que a poesia adornou a idade dourada e todas as suas invenções e ficções de uma feliz condição dos homens, mas ainda a própria concepção e o desejo mesmo da filosofia.”

Achei curioso Montaigne citar “o espírito humano”, pois esse é um dos questionamentos que Krenak traz no livro que citei anteriormente: “Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo.”

Michel de Montaigne nasceu em 1533, 420 anos depois, nascia Ailton Krenak em 1953.

Penso que Montaigne ficaria emocionado ao ver tudo que foi possível conservar da cultura e da história desses povos e teria subido no púlpito junto à Krenak.

Penso que, juntos, também estariam denunciando o descaso e as ações criminosas desse governo.

Penso que, assim como Sydney Ferreira, Montaigne teria recebido a Medalha do Mérito Indigenista e a teria devolvido em forma de protesto.

Montaigne deixou *Dos Canibais* para gerar reflexão sobre esse nosso já velho Novo Mundo e seus primeiros habitantes. Por sorte, ainda temos Krenak, Eliane Potiguar, Daniel Munduruku, Graça Graúna, Sônia Guajajara e tantos outros indígenas, artistas, pensadores, ativistas, atuais habitantes desse país que lutam por uma vida em comunhão entre homem e natureza, separação que para os povos originários não existe.

Por fim, em uma passagem do ensaio, Montaigne fala que nenhuma obra de arte é capaz de reproduzir a beleza do mais simples ninho de pássaro, por tudo isso, penso que se Montaigne e Krenak fossem contemporâneos, estariam na mesma trincheira.

E você, de que lado está? A defesa desses povos é urgente, assim como é urgente lutar as suas lutas, para que possamos juntos, adiar o fim do mundo.



FOTO DE NOAH SILLIMAN (UNSPLASH)

# FÔ LE GO

Pedro Delavia -  
Colunista da Revista O  
Odisseu

A pandemia transformou muitas vidas (isso quando não as tirou); fosse para melhor, ou para pior. A minha foi transformada em muitos sentidos, e creio que a maioria foi ruim. Mas essa é uma crônica "alegre", ao menos intenciona ser, e não quero gastar linhas e palavras com mais coisas desagradáveis.

Num momento catártico, eu percebi que minha vida ficou mais produtiva. Abandonei velhos conceitos e me vi escrevendo loucamente, expulsando tudo o que existia dentro de mim, de sentimentos e sofrimentos a ideias e histórias com tramas elaboradas. Quando dei por mim, estava mais uma vez viciado em criar e criar através de palavras.

Em algum momento entristecido desse período conturbado decidi que eu me obrigaria a escrever todos os dias, nem que fosse apenas uma linha. (Mentira! Minha primeira meta era no mínimo mil palavras. Um verdadeiro sádico.) E como fonte de estímulo (doutrina), eu faria entradas num diário de escrita online, contando o que tinha produzido naquele determinado dia, ou como aquela ideia havia surgido.

E foi dessa proposta (imposição) que surgiu um Novo Eu. Um cara que agora se assumia escritor, que pesquisava, estudava,

lia e escrevia todos os dias, sem faltas, há mais de trezentos dias (quase chegando a um ano). O mesmo cara que antes escrevia em seus blogs, mas que passava meses sem nada escrever, que só lia de vez em quando (isso quando lia), que deixava as ideias passar sem ter a mínima vontade de ao menos anotá-las.

Ainda tento entender como foi que eu consegui tal proeza. Eu nunca permaneci por mais de um mês fazendo a mesma coisa, por mais que fossem coisas que me eram totalmente palatáveis, eu nunca progredi. Mas eu tenho algumas teorias e vou precisar de um parágrafo só para elas, acompanhe:

Talvez eu não tenha falhado pelo meu compromisso de postar entradas no diário (num site que ninguém acessa), talvez seja por eu estar contando os dias e vendo aquele número do título passar de unidade para dezena, depois para centena, duas, três centenas (ansioso para ele chegar ao primeiro milhar), talvez seja porque escrever foi a única forma que encontrei de não morrer afogado em minhas vontades e desejos reprimidos. Talvez seja porque criar sempre foi uma compulsão. Talvez não seja nada disso. Parafrazeando Chicó; "Não sei, só sei que foi assim."

E aí, eu vim parar aqui, numa coluna dessa incrível revista idealizada por um grande amigo que conheci por acaso. E então eu percebi que nunca me faltou criatividade, só vontade. Mas agora, eu domo essa minha vontade, sempre impelido a produzir cada dia mais. Arrisco escrever qualquer coisa, sempre me desafiando e testando. Deixei de me preocupar se o texto estaria completamente alinhado, coerente, ou mesmo se a ideia era boa o suficiente. Passei a pensar na escrita como fator fundamental, como o ar que eu respiro. E se existe um projeto que merece um pouco do meu fôlego, esse é O Odisseu.



FOTO: MATHIAS P. R. REGING (UNSPASH)

# Exercício de escrita

Ricardo Luiqui Živko

Colunista da Revista O Odisseu

Imprevistos, imprevistos. Primeiro a explicação, depois a proposta. Esse mês me preparei para ler exclusivamente mulheres (com exceção dos textos acadêmicos). Estava mergulhado nas crônicas de Clarice, nos contos de Lygia, nos poemas de Adélia de Wislawa, quando recebi (recebemos todos) a proposta de tema sobre literatura indígena. Fiquei empolgadíssimo, já tinha esse plano para daqui alguns meses, bastava apenas acelerá-lo. Consegui ler 2 dos livros de muitos mais que eu planejava ler e esse é o motivo de o texto que vocês estão lendo agora não ser o texto que vocês deveriam estar lendo agora. Esse mês o único que posso fazer é rogar, é citar Eliane Potiguara:

“Parem de podar as minhas folhas e tirar a minha enxada  
Basta de afogar as minhas crenças e torar minha raiz  
Cessem de arrancar os meus pulmões e sufocar minha razão  
Chega de matar minha cantigas e calar a minha voz.  
Não se seca a raiz de quem tem sementes  
Espalhadas pela terra pra brotar. [...]”

E nesse momento meu cérebro para, não sei como continuar, me sinto mal de enveredar por outros caminhos tão mais fúteis quanto os que planejo. Me sinto fraco, mas sigo. Desisti porque o texto que eu vos entregaria seria mediocre, e mesmo que este também seja pelo menos eu já o declaro fútil desde o começo, e isso me consola. Pois o outro texto faria parte de uma luta, a intenção e a ideia era nobre, já esse não é nada, nunca será nada, nunca poderá querer ser nada.

A minha ideia é a seguinte. Qualquer texto meu é parte de uma gestação mental demorada, no entanto quando esta é colocada no papel se torna muito mais do que a ideia era, é como a apresentação de slides e o seminário. É uma improvisação planejada. Quando escrevo gosto de estar sozinho, ou sentir que estou sozinho. Quando escrevo gosto de silêncio (e eu adoro música até pra dormir). Gosto de escrever algo que seja útil. Hoje escreverei sem ideias, com pessoas em casa (minha esposa e uma amiga nossa), escutando música (Justin Bieber, nesse exato momento) e pronto para algo fútil por essência. Estou o mais aleatório que posso. E recomendo que você siga a leitura apenas se não tiver mais nada (realmente nada) mais interessante ou importante para fazer (o que acho difícil).

Primeiro passo, vamos lá, definir o espaço. Sempre fui péssimo com descrições de local, seja escrevendo ou lendo, e isso que adoro Jorge Amado, mas meu cérebro é muito teimoso na hora de visualizar algo, e quanto mais detalhes mais teimoso ele fica. Mas vamos lá. Na minha frente um notebook sobre uma mesa de escritório simples, na altura da mão balinhas de doce de leite. Estou em um quarto pequeno, de madeira, atrás de mim uma estante com livros, próximo a um quadro com dois porcos. Não citarei o violão, a mochila e o aspirador de pó espalhados pelo chão. Agora está tocando Havana, de repente me vejo em Cuba. Toda a madeira que me envolvia agora é água. Piso na areia quente e sinto o Sol pelando-me. Entro na cidade assim mesmo, desnudo, sem vergonha. Hablo no espanhol caribenho que aprendi com aquela Garça. Peregrino pelos bares e a lua cheia uiva para mim me revelando toda a verdade. Na rua fria e escura me deito com Diógenes e durmo, perro a verdade inquietante do mundo e todo o seu peso me aperta contra o peito como um demônio da paralisia do sono, então me levanto. Está tocando Sugar e o açúcar me lembra a cana, bebo rum, mojito, cuba libre e saio da cadeia pela porta da frente. Volto para a água rastejando e mergulho para as profundezas mais profundas do ser humano.

Está tudo escuro até que a luz de um buraco negro quase me acerta o peito. Desviei a tempo e perdi apenas dois braços, os outros quatro estão intactos. Abro meus cem olhos e vejo o book de fotografias que é a existência do universo, com cinquenta olhos vejo a fotografia de um genocídio indígena no Brasil e com os outros cinquenta vejo a fotografia de um genocídio indígena no Brasil, com cinquenta olhos vejo pessoas com fé sendo manipuladas por um tirano sem fé e caindo num poço de ódio e com os outros cinquenta vejo pessoas com fé sendo manipuladas por um tirano sem fé e caindo num poço de ódio. Olho melhor e vejo que os tiranos vem do povo e que o ódio está sempre entre nós. Meus cem olhos enxergam o ódio, sentem o cheiro férreo do sangue, da lâmina, da máquina, o gosto do medo me dá ânsia de vômito e os gritos agudos de desespero que saem do inferno que é o mundo me fazem fugir. Corro pelo corredor apalpando no escuro as paredes gosmentas de antipatia e no fundo vejo uma luz. Pulo e mergulho no rio do esquecimento.

Luz sangue gritos choro lâminas tapa na bunda fotos whatsapp instagram, nasci. Mamei, chupei chupeta, vi as pessoas sorrirem para mim e aproveitei ao máximo enquanto pude, falei papai enquanto pude, deixei que as pessoas cuidassem de mim enquanto elas queriam, levantei e me virei. Agora minha mãe é solteira, tem dois empregos olheiras hematomas e sangue fresco no canto da boca, vivo envolto de merda tal como quando neném mas ninguém mais acha normal, acham repugnante. Sou um ser repugnante, sou apenas mais um no busão do mundo, de pé e com alguns trocados no bolso, não darão até o final do mês, então andarei a pé.

Imagens do filme "Hamlet" (1948)  
Dir.: Laurence Oliver



# "Oi, sumido. Parabens!"

## Chegou o momento do ano de falar de Shakespeare!

Karol Garret

Abril é um mês especial para apaixonados por Shakespeare como eu. É o mês de comemorar o aniversário de vida (e morte) do nosso querido Bardo, de falar sobre ele com as pessoas, alunos, interessados por diversos canais de Youtube e Podcasts, e de até mesmo escrever sobre ele em uma revista digital. É época também de bater boca com aqueles anti-stratfordianos que teimam em nos dizer que Shakespeare não existiu e que a nossa paixão não passa de loucura mas, mesmo assim, a gente comemora a vida e obra desse grande dramaturgo durante esse mês todinho. Mas, e depois?

Depois, assim como qualquer boa festa, os confetes ficam pelo chão, os balões ficam vazios, a festa esvazia e sobra para aqueles poucos íntimos recolherem os cacos e manterem o local limpo até a próxima festa. É assim que eu me sinto sempre que acaba abril e o mundo parece entrar no esquecimento de quem foi William Shakespeare e a verdadeira importância das suas obras.

Você pode achar estranho minha colocação, eu sei. Como posso falar que Shakespeare entra no esquecimento das pessoas? Mas eu te digo, caro leitor, ele entra. Vou basear minha colocação em alguns fatos que acontecem, e que seguem acontecendo, desde que me deparei com Shakespeare pela primeira vez, em 2001, no teatro da escola. Meu primeiro contato com o teatro foi também meu primeiro contato com a obra de Shakespeare, e mal sabia eu como naquele exato momento a minha vida mudaria completamente. Antes de tudo, quero ressaltar que em 2001, em uma aula de teatro, com 15 anos de idade, foi quando eu realmente fui apresentada à ele, era nosso primeiro contato. Até então, tudo o que eu sabia é que o meu "crush" da época, Leonardo Di Caprio, havia feito um filme (Romeu e Julieta) baseado na peça de um tal dramaturgo que todo mundo falava bem, que eu fui correndo assistir mas que acabei não entendendo vírgula sequer das falas. Fui do "que lindo" ao "que pena, ele morreu" sem entender a verdadeira profundidade das palavras do Bardo de Avon. Quinze anos de idade de nada de Shakespeare até então, percebem?! Bom, voltando à 2001, as palavras do Bardo chegaram à mim de forma simplificada, resumida, o que fez a compreensão ser muito mais rápida e a conexão com os personagens muito melhor para uma jovem como eu era na época. Uma bela e simples adaptação que faz qualquer tradutor apaixonado arrancar os cabelos de nervoso mas que funcionou muito bem para o público que a recebeu. E foi isso! Conheci Shakespeare pelo viés de um professor que para prender os alunos, tirou a grande beleza do ritmo e versos de Shakespeare para que ele ficasse mais fácil. Basicamente o mesmo que muitos atores fazem ao interpretarem Shakespeare no original e preferem deixar de lado pentâmetro iâmbico que Shakespeare colocou nos seus versos para combinar com o ritmo do nosso coração. Nada muito grave, apesar de doer aos ouvidos de uma apaixonada como eu.

Pulando um pouco os anos, quando estava na faculdade de Artes Cênicas, William Shakespeare (Billy para os íntimos) surgiu novamente. Dessa vez por completo! Ou quase isso. Tá, passou um pouco batido mas eu, defensora dos Bardos e

e oprimidos, berrei minha insatisfação e clamei por mais Shakespeare. Para seguir com a aula, o professor me colocou em contato com um ator britânico, Brian Striner, que me introduziu ao incrível e fantástico mundo das obras de William Shakespeare no original. Foi como tomar um alucinógeno! Os ritmos, os sons, as pausas de Billy pareciam escritas por Deuses e eu só pensava: "como não falam sobre isso nas escolas? Como ousaram não me ensinar isso na faculdade?". Corri atrás do meu amado com a mesma obstinação que Petrucchio tem pelo casamento com Catarina e me mandei para a Inglaterra e para os Estados Unidos para estudar sobre a vida e obra de William Shakespeare. Passei por universidades incríveis, pisei no palco do Globe Theatre de Londres como Julieta, mas voltei para casa mesmo sabendo que aqui nada havia mudado. E, desde que voltei ao Brasil não participei de uma montagem sequer de Shakespeare. Nesse meio tempo fui convidada para ser Olivia na Coréia do Sul, Drômio no México, mas não tive a oportunidade de fazer uma fadinha sequer de Sonho de Uma Noite de Verão no Brasil. Não foi por falta de vontade, e nem por correr atrás, foi realmente pelo número de montagens das peças de Shakespeare no Brasil estar cada vez menor. Essa é a grande verdade, queridos leitores, William Shakespeare está morrendo no teatro brasileiro! Alguns de nós, a grande maioria acadêmicos e atores apaixonados, mantemos ele com massagem cardíaca e respiração boca a boca todos os dias mas, no geral, ele já não tem a importância que um dia já teve.

Quero que você pare por um segundo e pense qual foi a última grande produção shakespeareana brasileira que você já viu! Grande mesmo. daquelas que você fica fascinado ao assistir e que tem a capacidade de chegar ao grande público. Recentemente, eu coloquei no instagram do Shakespeare no Brasil (segue a gente lá!) a seguinte pergunta: "Qual foi a última peça de Shakespeare que você assistiu?". Deixei claro que não contavam adaptações das obras, como o incrível Ricardo III versão solo que o Gustavo Gasparini fez recentemente ou o Rei Lear de um homem só de Juca de Oliveira. Queria saber qual foi a montagem fiel, raiz, de Shakespeare que eles, seguidores de uma página dedicada à ele, tinham visto e, pasmem, tive respostas como Romeu e Julieta com Giulia Gam e Marcos Antônio Pâmio de 1984. Mil novecentos e oitenta e quatro, caros leitores! Escrevi por extenso o número para que o peso seja maior mesmo.

**KAROL GARRET É ATRIZ E DIRETORA.  
MEMBRO FUNDADOR DA CIA DE SHAKESPEARE  
E ATUALMENTE ESTÁ EM CARTAZ COM A PEÇA  
"A PRINCESA DOS CAMINHOS".**



TUPI... OR NOT TUPI?